



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

# FORÇAS FAMILIARES NAS FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS: A PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS E DOS TÉCNICOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano

*Sónia Cristina Fernandes*

Porto, 30 de Setembro de 2015



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

# FORÇAS FAMILIARES NAS FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS: A PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS E DOS TÉCNICOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano

*Sónia Cristina Fernandes*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Professora Doutora Mariana Negrão*

Porto, 30 de Setembro de 2015

## ANEXO 1

Questionário de Caracterização Sociodemográfica

## ANEXO 2

### Questionário das Forças Familiares

## ANEXO 3

Questionário sobre as forças e desafios das famílias

## **AGRADECIMENTOS**

O percurso académico que agora concluo afigura-se como o culminar de um longo caminho percorrido, que envolveu inúmeros processos de aprendizagem e um crescimento pessoal e profissional extremamente enriquecedores, que não teriam sido possíveis sem a ajuda de todos aqueles que me acompanharam durante este percurso. O seu apoio foi fundamental para mim, para poder ultrapassar os momentos menos positivos e, também, uma motivação essencial no sentido de canalizar as energias necessárias rumo ao sucesso que pretendia. Por tudo isto, o meu agradecimento a todos eles.

Agradeço, em primeiro lugar, à Professora Doutora Mariana Negrão pelo excelente acompanhamento e orientação que me concedeu, pela ajuda na organização das ideias, na escolha dos temas e das metodologias, no caminho a seguir e pelas sugestões sempre oportunas e atentas.

À Universidade Católica Portuguesa, particularmente a todos os docentes que me concederam formação académica, dando-me a oportunidade de alargar os meus horizontes e de esclarecer as minhas dúvidas.

Agradeço, em particular, à Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais (ADCL), pela abertura demonstrada para a realização do meu estudo e por todo o apoio incondicional da sua equipa técnica, sem o qual não teria sido possível concluir com êxito este meu percurso.

À minha família, particularmente aos meus pais, por acreditarem sempre nas minhas capacidades, pelo apoio interminável, pelo carinho, amor e dedicação constantes, pelos incentivos e motivação, pela sua persistência e otimismo, pela compreensão que sempre demonstraram e por, incessantemente, me darem forças para seguir em frente.

Agradeço, ainda, ao meu namorado pelo apoio incansável, pela ajuda e atenção, pelos conselhos e orientações, por toda a motivação e paciência e por acreditar sempre no meu sucesso profissional.

A todos os amigos que sempre estiveram presentes e me ajudaram a ultrapassar os obstáculos e as dificuldades com que me deparei, me ofereceram apoio e momentos de partilha que me fizeram sorrir e superar-me a mim própria.

Agradeço, em especial, a todos os participantes que constituíram a amostra deste estudo pela sua disponibilidade para colaborar. Sem eles não teria sido possível realizar esta investigação.

Não posso deixar de agradecer, por fim, a todos os colegas de trabalho que comigo se cruzaram e que muito me ensinaram ao longo da minha carreira profissional, contribuindo decisivamente para me tornar na profissional que hoje sou.

## RESUMO

As famílias multidesafiadas são aquelas que enfrentam, no decorrer do seu percurso de vida, múltiplos desafios e experimentam diversas condições desfavoráveis que condicionam a sua adaptação e desenvolvimento (Melo, 2011). Uma abordagem recente deste tipo de famílias tem demonstrado que, não obstante os elementos de desafio, elas também têm forças. No entanto, a literatura é mais omissa na identificação e exploração destes fatores de força. O presente estudo tem como objetivo geral identificar quais as forças familiares reconhecidas pelas famílias multidesafiadas e, simultaneamente perceber quais as principais forças e desafios identificados pelos técnicos de intervenção social que as acompanham.

A amostra é constituída por 32 adultos, pais e mães com filhos menores a cargo, com idades entre os 22 e os 53 anos, em situação de risco e/ou vulnerabilidade social. Contempla, ainda, 2 técnicos de ação social, que acompanham regularmente estas famílias.

Como método para recolha de dados optou-se por uma metodologia quantitativa, aplicando questionários de autorrelato.

Os resultados obtidos indicam que as famílias são capazes de perceber as suas forças familiares e de identificarem aspetos positivos do seu funcionamento. Indicam, também, que os técnicos identificam forças familiares nestas famílias, embora lhes reconheçam, simultaneamente inúmeros desafios. Os resultados apontam, ainda, para uma incongruência entre as percepções dos técnicos e das famílias na identificação das forças familiares.

Estes resultados realçam a importância de perspetivar uma intervenção familiar centrada nas forças familiares, que permita uma abordagem bem sucedida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Famílias multidesafiadas, forças familiares e técnicos.

## **ABSTRACT**

Multistressed families are the ones that face, during their course of life, multiple challenges and experience several unfavourable conditions that determine their adjustment and development (Melo, 2011). Notwithstanding the elements of challenge, a recent approach on these sort of families has shown that they also have strengths. Nevertheless, literature often lacks information in what concerns the identification and exploitation of these strength factors. The present study aims to identify the family strengths acknowledged by the multistressed families and, simultaneously, to understand the main forces and challenges identified by the social service technicians who work with them.

The sample consists of 32 adults, fathers and mothers with underage dependent children, aged between 22 and 53 years old, in circumstances of risk and/or social vulnerability. It also contemplates 2 social service technicians, who regularly work with these families.

Following a quantitative methodology, the results obtained indicate that the families are able to perceive their own strengths and they can indicate positive aspects of their interaction as a family. They also demonstrate that the technicians recognize strengths in these families, even though they simultaneously identify several challenges. The results show an inconsistency between the perception of the technicians and the families, concerning the identification of the family strengths.

These results highlight the importance of considering a family intervention focused on the family strengths in order to enable a successful approach.

**KEY-WORDS:** Multistressed families, family strengths and technicians.

## I - INTRODUÇÃO

No âmbito desta dissertação é desenvolvido um estudo acerca das famílias multidesafiadas com filhos menores a cargo, com ênfase nas suas forças familiares e nos processos de resiliência.

O presente estudo tem como objetivo geral aferir quais as forças familiares identificadas pelas famílias multidesafiadas e, simultaneamente perceber quais as principais forças e desafios que os técnicos que as acompanham identificam nestas famílias.

As famílias multidesafiadas são aquelas que enfrentam, no decorrer do seu percurso de vida, múltiplos desafios e, ao mesmo tempo experimentam diversas condições desfavoráveis que condicionam, inevitavelmente, a sua adaptação e desenvolvimento positivo (Melo, 2011). Assim, as famílias multidesafiadas, caracterizam-se particularmente pelo facto de desenvolverem comportamentos sintomáticos que se verificam regularmente em torno das primeiras mudanças da fase do ciclo vital: formação do casal e nascimento e desenvolvimento das crianças. Por conseguinte, com frequência, existe uma acentuada deterioração nos papéis parentais, tanto ao nível da nutrição como no domínio da socialização, com efeitos negativos na proteção à criança e na transmissão de valores e normas culturais (Martinez, 2003).

De facto, a forma como são descritas estas famílias no que concerne ao seu funcionamento e organização, tem sido, ainda muito focada no défice e na vulnerabilidade (Silva, 2013). Neste sentido, as famílias tendem a descrever-se a si próprias como vulneráveis, tendo dificuldades em identificar as suas forças familiares e percecionarem-se como resilientes Masten (2001).

No entanto, a literatura recente tem chamado a atenção para a existência também de fatores de competência nestas mesmas famílias, bem como para a importância de uma intervenção focada precisamente nas forças e recursos familiares (Melo & Alarcão, 2011).

Atendendo à importância que o conceito de forças familiares tem ganho nos últimos anos é extremamente relevante um estudo mais aprofundado destas na

perceção quer das próprias famílias, quer dos técnicos que as acompanham, de forma a promover eficazmente o potencial de mudança nestas famílias, nomeadamente no que ao desempenho do papel parental diz respeito.

## II – ESTADO DA ARTE

### 2.1. *Da Família à Família Multidesafiada*

Família é um conceito muito abrangente que se tem mantido ao longo dos anos, porém há que ter em conta que os sistemas familiares têm sofrido inúmeras mudanças que acompanharam a expansão da sociedade (Melo, 2011).

A composição das famílias, e os papéis ou funções que representam cada um dos seus membros na sociedade tem evoluído ao longo do tempo. Nas sociedades modernas (atuais e ocidentais) passámos de uma família tradicional (composta por várias gerações) para uma família moderna, em que as mulheres entraram no mercado de trabalho e as taxas de natalidade caíram (Martinez, 2003).

Atendendo às definições mais recentes do conceito de família, a família deve ser vista como um sistema, ou seja, um conjunto de elementos em interação dinâmica e organizada em torno de uma finalidade e que, no seu processo de interação, passam por várias etapas do ciclo vital (Carter & McGoldrick, 2001). Assim, poder-se-á afirmar que as famílias são compostas por indivíduos que interagem entre si em diferentes níveis num sistema sócio-ecológico (Benzies & Mychasiuk, 2008).

Com base em várias referências da literatura (e.g. Cancrini, 1995; Christofas et al., 1985; Fulmer, 1989; Minuchin et al., 1993; Render, 1985;), pode constatar-se que existe um problema terminológico no que diz respeito à designação das famílias que se caracterizam fundamentalmente por viver em situação de pobreza, tendo sido designadas como famílias desfavorecidas, famílias multiproblemáticas, famílias multiassistidas, famílias desorganizadas, entre outras nomenclaturas (Martinez, 2003).

O conceito de famílias multiproblemáticas surge nos anos 50, coincidindo com o início da era pós-moderna e com a industrialização. Esta nova era não trouxe apenas a vanguarda e a expansão das cidades, mas também novos valores sociais e profundas mudanças nos valores familiares vigentes. No entanto, o conceito de famílias multiproblemáticas é bastante mais recente na história das ciências humanas (ibidem).

Nas famílias multiproblemáticas, frequentemente, “estão deterioradas as funções parentais e, também, com frequência está deteriorada a conjugalidade” (Martinez, 2003, p.95), o que implica riscos efetivos sobre os filhos, graves e complexos.

Com base na ideia anteriormente descrita, é importante salientar o conceito de imprevisibilidade familiar presente nestas famílias, que se associa a perturbações do desenvolvimento familiar e do próprio desenvolvimento individual, uma vez que a família é um lugar privilegiado de aprendizagem e de interação, no qual um adequado funcionamento relacional é fundamental para o desenvolvimento humano (Alarcão & Gaspar, 2007). Estas famílias, caracterizam-se, sobretudo, por padrões de relacionamento disfuncionais (Melo, 2011). A imprevisibilidade, presente nestas famílias, revela falta de consistência nos padrões de comportamento e dos sistemas de regulação familiar, tendo implicações negativas na construção das próprias regras de interação e no equilíbrio necessário à transformação (Alarcão & Gaspar, 2007). Alguns estudos (e.g. Alarcão & Gaspar, 2007) sugerem existir uma relação estreita entre a imprevisibilidade familiar e as perturbações do funcionamento familiar.

Mais recentemente, estas famílias têm sido designadas como multidesafiadas, tendo por base os múltiplos desafios que enfrentam ao longo do seu percurso de vida (Melo, 2011). A sua descrição assenta, portanto, em dois vetores: (1) nas fraquezas e vulnerabilidades, com ênfase nos recursos necessários para as ultrapassar e, (2) nas forças e competências familiares, salientando a importância de as reforçar e promover (ibidem).

## *2.2. A Parentalidade nas Famílias Multidesafiadas*

A discussão acerca das questões relativas à educação das crianças no contexto familiar tem uma história longa e amplamente debatida, apesar de a intervenção estruturada e intencionalizada na parentalidade ser bastante mais recente (Cruz & Ducharme, 2006).

Nas últimas décadas, têm sido inúmeras as definições de parentalidade. Não obstante esta multiplicidade de definições poderemos definir a parentalidade como o conjunto dos comportamentos, emoções e cognições ou representações que os pais dirigem à criança, tendo por base a construção do contexto adequado ao seu bem-

estar e desenvolvimento em diversos domínios, nomeadamente: físico, psicológico e sociocultural (Figueiredo, 2013, cit. in Figueiredo & Lamela, 2014). A parentalidade implica o exercício intencional no que diz respeito à capacidade de amar e que se foca na sobrevivência, crescimento, amadurecimento, autonomização e florescimento com vista a explorar o potencial de desenvolvimento positivo da criança que necessita de “receber, de forma dedicada, comprometida, previsível, continuada e prolongada, por parte de um outro ser, proteção, cuidado, apoio e orientação para cumprir com aquelas finalidades” (Melo, 2014, p.10). O desempenho dos papéis parentais acarreta assim inúmeros desafios, sendo por isso, das experiências de vida mais simples e comuns mas também mais complexas e marcantes, com características muito peculiares (Melo, 2014).

De acordo com o modelo ecológico transacional são identificados três domínios fundamentais no exercício do papel parental: (1) os recursos psicológicos pessoais dos pais, (2) as características da criança e, (3) as fontes contextuais de stress e de apoio/suporte (Belsky, 1984). Este modelo pressupõe que o funcionamento parental é multideterminado e que o contexto tem um papel extremamente relevante na adoção dos estilos parentais, pelo que é um modelo importante para compreender a realidade das famílias multidesafiadas.

Este modelo chama-nos à atenção para o papel das variáveis pessoais dos pais. De facto, a literatura atual aponta para fatores, tais como, crenças sobre a eficácia parental, ou o grau em que se acredita que os pais podem moldar o desenvolvimento das crianças. No contexto da parentalidade, a auto-eficácia tem tido ao longo dos anos especial atenção em vários estudos científicos. Eficácia, ou o grau em que as pessoas percebem os seus esforços como importantes (Bandura, 1989), é uma das crenças centrais sobre a parentalidade. Os pais que acreditam que o seu comportamento tem um impacto positivo nos filhos tendem a investir mais esforços no desempenho da parentalidade. Por outro lado, as estratégias de *coping* ativas, como por exemplo, a capacidade de resposta, o carinho e um ambiente de confiança para a criança são igualmente apontadas como extremamente relevantes na parentalidade positiva. O conceito de *coping* tem sido descrito como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas ou stressantes (Antoniuzzi, Dell’Aglio, &

Bandeira, 1998). Nas famílias multidesafiadas, existe uma imprevisibilidade familiar associada ao poder executivo do papel parental, o que compromete o desempenho parental, estando frequentemente afetadas as competências parentais (Alarcão & Gaspar, 2007), nomeadamente: a autoeficácia e as estratégias de *coping* ativas.

Historicamente, a literatura aponta para uma relação estreita entre o nível socioeconómico, os processos familiares e o desenvolvimento humano. Alguns modelos teóricos (e. g. Conger & Donnellan, 2007) evidenciam uma relação causal entre o nível socioeconómico e o desenvolvimento infantil, estando a ação dos pais no centro desta equação. Existem inúmeras evidências de que as famílias socialmente desfavorecidas estão mais propensas ao desenvolvimento de problemas físicos, emocionais e comportamentais (Conger & Donnellan, 2007). Assim, o nível socioeconómico parece acarretar desvantagens para as famílias, associando-se a consequências negativas no desenvolvimento humano. Esse impacto negativo leva a variações significativas na vida social, emocional, cognitiva, física e no funcionamento das famílias (ibidem).

Desta forma, o desempenho do papel parental no contexto das famílias multidesafiadas, que vivenciam situações difíceis e indutoras de stress, está imbuído de inúmeros desafios e as respostas perante estas situações integram características pessoais e ambientais (Lopes, Catarino & Dixe, 2010). Neste sentido, no tratamento positivo de crianças na primeira infância, os pais devem integrar quatro processos distintos (Pecnik, 2008, cit. in Lopes et al., 2010): (1) realidade e autenticidade; (2) sensibilidade para identificarem e interpretarem os sinais da criança e lhe responderem rapidamente e apropriadamente; (3) sincronia de comportamentos e; (4) qualidade das trocas afetivas nas interações entre pais e crianças.

A integração dos quatro processos anteriormente referidos assume extrema dificuldade no contexto das famílias multidesafiadas, especialmente porque existe um cenário de elevado stress para os pais, que acrescenta complexidade ao exercício do papel parental (Lopes et al., 2010). Assim, a parentalidade nestas famílias é comumente descrita na literatura como um exercício difícil e um desafio constante na prestação dos cuidados às crianças (Melo, 2011).

### 2.3. Forças Familiares e Processos de Resiliência

Nas últimas décadas, tem havido um enorme interesse em definir as forças das famílias, embora existam ainda poucos estudos sobre o assunto, sendo uma área que requer mais investigação. A partir da abordagem aos processos de resiliência familiar, têm surgido na literatura inúmeras definições e referências às forças familiares (Nichols, 2002). Assim, a abordagem do risco e resiliência abre-nos caminho para a conceptualização e importância do conceito de forças familiares.

Os estudos mais atuais demonstram que quanto maior for a incidência dos riscos, piores serão os resultados para as famílias. São exemplos desses riscos: os riscos sociais na família, no grupo de pares, na escola e na vizinhança. Quando estes riscos se acumulam, os resultados mais prováveis são efeitos negativos consistentes (Schneider, 2011). No entanto, a presença de fatores de proteção ou de resiliência pode ser o motivo pelo qual algumas famílias são bem-sucedidas, apesar de viverem em condições insatisfatórias (ibidem).

Alguns estudos (e.g. Benzie & Mychasiuk, 2008) enfatizaram a importância dos fatores de proteção nos processos de resiliência familiar. Com base neste estudo existem três tipos distintos de fatores de proteção: (1) fatores protetores individuais, que englobam o locus de controlo interno, a regulação emocional, o sistema de crenças, a auto-eficácia, as estratégias de coping efetivas, as competências educativas, a saúde, a personalidade/temperamento e o género; (2) fatores protetores familiares, que incluem a estrutura familiar, as relações familiares, a coesão familiar, as relações de suporte pais-filhos, os ambientes estimulantes, o suporte social, a influência da família de origem, interações estáveis e adequadas e estabilidade no local de residência da família e; (3) fatores protetores da comunidade, que incluem o envolvimento com a comunidade, o nível de aceitação na comunidade, as figuras de referência, os sentimentos de segurança na comunidade, o acesso às estruturas de educação e ensino e o acesso aos serviços de saúde e bem-estar.

De acordo com a literatura, os estudos científicos sobre resiliência surgem na década de 70 quando um grupo de pesquisadores pioneiros começaram a notar o fenómeno de adaptação positiva em subgrupos de crianças consideradas crianças “em risco” de desenvolver psicopatologias (Masten, 2001). Inicialmente, nestes estudos, a resiliência era referida como um padrão de adaptação positiva aos

contextos de adversidade passados ou presentes (Wright, Masten, & Narayan, 2013).

Com base nestes estudos pioneiros, uma variedade de critérios foram definidos para designar aquilo que é a adaptação positiva incluindo critérios focados na ausência de patologia, desenvolvimento infantil adequado e bem-estar subjetivo (Wright et al, 2013). Neste sentido, surge o conceito de resiliência numa diversidade de domínios: físico, cognitivo, moral, comportamental e social (McCormick, Kuo, & Masten, 2011).

Mais tarde sucederam definições que tornaram o conceito de resiliência mais amplo e dinâmico, tais como: “a resiliência pode ser definida como a capacidade de um sistema dinâmico suportar ou recuperar de desafios significativos que ameaçam a sua estabilidade, viabilidade e desenvolvimento” (Masten, 2001, p.228).

Walsh (2012) define a resiliência como a capacidade para suportar e reagir aos desafios perante as situações adversas, tendo-se tornado inicialmente como um conceito importante no âmbito da saúde mental, com inúmeros estudos de investigação na última década. Tratam-se, portanto, de processos dinâmicos que fomentam a adaptação positiva dentro de contextos de adversidade significativa, como são os contextos em que se movem as famílias multidesafiadas.

A literatura focada nos processos de resiliência chama-nos especialmente à atenção para aquilo que se designa como processo de resiliência familiar, colocando especial enfoque na forma como as famílias lidam com o stress a longo prazo, sendo frequentes as afirmações de que cada família é única, não havendo um modelo singular de “família resiliente”. Concomitantemente, grande parte das pesquisas sobre resiliência familiar tem-se concentrado na identificação de um conjunto de fatores de risco e de fatores de proteção que estão intimamente relacionados com a resiliência familiar (DeHaan, Hawley & Deal, 2002). Assim, a resiliência tem sido definida como a capacidade para recuperar de situações de adversidade e/ou de desafios, que ocorrem em múltiplos níveis, incluindo o indivíduo, a família e a comunidade (Blair, 2003). A resiliência familiar deve ser examinada como um processo que ocorre ao longo do tempo e não num determinado momento e que envolve, por um lado, a perspetiva de como a família

se vê em relação aos seus desafios específicos e às suas restrições e, por outro lado, a forma como a família ativa os seus recursos e forças familiares (ibidem).

A ideia de que as famílias seguem vias de resposta ao stress, procurando processos adaptativos com recurso às suas forças e competências individuais e familiares não é uma ideia utópica. O modelo da montanha-russa (*"The roller coaster model"*, cit. in DeHaann et al., 2002) inicialmente proposto por Koos (1946) e mais tarde redefinido por Hill (1949, 1958) fornece um quadro teórico para explicar as respostas das famílias perante situações de crise. Este modelo sugere várias etapas com que as famílias se deparam frequentemente: (1) um período de desorganização, que pode ser marcado pelo aumento de conflitos, uma procura de formas eficazes de enfrentar as adversidades e uma atmosfera geral de confusão, raiva e ressentimento; (2) um período de recuperação, durante o qual os membros da família descobrem novos meios de ajustamento para a crise e; (3) um período de reorganização, em que a família se reconstrói em, acima ou abaixo, do seu nível de pré-crise de funcionamento. Porém, é possível que um determinado sistema familiar não recupere a partir do seu período de desorganização, levando-o a desintegrar-se.

O modelo anteriormente referido ofereceu um bom começo na identificação de caminhos de resiliência, sendo extremamente relevante no contexto das famílias multidesafiadas. Este modelo sugere que as famílias progridem numa série de etapas, no entanto, é fundamental reconhecer que nem todas as famílias irão progredir pelos mesmos estágios ou seguir uma determinada trajetória, pelo que um dos desafios da investigação neste domínio deverá passar por determinar se existem caminhos comuns que as famílias podem percorrer e identificar os antecedentes que ajudam a prever os caminhos mais adaptativos (DeHaann et al., 2002).

Os estudos sobre resiliência rapidamente revelaram que as famílias podem ter diferentes fraquezas/vulnerabilidades (fatores de risco) e múltiplas forças/competências (fatores protetores) ao longo do seu desenvolvimento (Wright et al, 2013).

Neste contexto importa então atentar às forças familiares, que podem ser entendidas como os padrões de relação, as competências interpessoais e as

características psicossociais que criam uma identidade positiva da família. Desta forma, promovem uma interação satisfatória entre os membros do sistema familiar, encorajam o desenvolvimento e o potencial da família, a nível grupal e individual, e contribuem, igualmente, para fomentar melhorias significativas na forma de lidar com o stress e com as crises (Dunst, Trivette, & Deal, 1994, cit. in Silva, 2013). Por conseguinte, as forças da família são compostas por inúmeros fatores que englobam: os valores familiares, as competências familiares e os padrões de interação familiares. Relativamente às competências familiares que se traduzem no conhecimento e nas capacidades que cada membro da família tem para mobilizar recursos internos e externos pode afirmar-se que são os comportamentos que refletem a performance da família de mobilizar recursos (Dunst et al, 1994, cit. in Silva, 2013).

Pelo exposto anteriormente, vários critérios são referidos na literatura para definir o conceito de forças familiares, nomeadamente: capacidade para responder às necessidades físicas, emocionais e espirituais dos elementos que constituem a família; ser sensível às suas necessidades; comunicar de forma eficaz; prestar apoio, segurança e encorajamento; iniciar e manter relacionamentos e experiências de crescimento dentro e fora da família; envolver-se em processos de auto-ajuda e prestar ajuda aos membros da família; desempenhar papéis familiares de uma forma flexível; usar uma crise ou experiência aparentemente negativa como forma de crescimento individual e familiar; criar e manter relações construtivas e responsáveis na comunidade; ter respeito mútuo pela individualidade dos seus membros; ter uma preocupação constante em manter a unidade da família; criar e manter a lealdade e cooperação intrafamiliar (Nichols, 2002).

Os contributos teóricos anteriormente expostos ajudam-nos a entender porque é que a intervenção com as famílias, nomeadamente com as famílias multidesafiadas, deverá direccionar-se no sentido de promover a adoção de estratégias envolvidas nos processos de resiliência familiar e mobilizar as forças familiares (Blair, 2003). Desta forma, importa reconhecer que fatores de força e resiliência os intervenientes no processo, família e técnicos, percecionam.

#### *2.4. Perceção dos Técnicos que intervém com as Famílias Multidesafiadas*

A intervenção dos técnicos com as famílias multidesafiadas, que enfrentam simultaneamente inúmeros problemas, tais como, situações de risco ou maltrato infantil, coloca-lhes uma série de desafios (Melo, 2011). Com frequência, os profissionais revelam dificuldades acrescidas a vários níveis, que se afiguram como desafios constantes no envolvimento das famílias e na falta de consistência com avanços e recuos, o que condiciona inevitavelmente o progresso das famílias. O trabalho dos técnicos com estas famílias implica um desgaste sério do profissional (Martinez, 2003). Neste sentido, não raras vezes os técnicos manifestam acentuadamente um discurso centrado no défice e na vulnerabilidade. Por outro lado, os técnicos estão muitas vezes expostos a situações de grande pressão que acarretam inúmeras responsabilidades nos processos de tomada de decisão no contexto das famílias multidesafiadas (Melo, 2011).

A percepção da comunidade em geral, incluindo os técnicos, acerca das famílias multidesafiadas centra-se, frequentemente, no disfuncional: o caos comportamental, o desafio agressivo e provocador, o medo, a dor e a necessidade. Desta forma, reconhece-se e aborda-se a sua vulnerabilidade, apesar dos membros destas famílias, geralmente, não gostarem de demonstrar que sentem dor, medo e necessidades (Martinez, 2003). Deste modo, facilmente se percebe que as famílias multidesafiadas acarretam inúmeros desafios para os técnicos que as acompanham. Estes técnicos são chamados a intervir em situações de emergência, como nos maus-tratos infantis, o que produz um efeito negativo na própria relação com as famílias (Cicchetti & Rogosh, 2001).

Tendo em conta as características destas famílias, a intervenção dos técnicos é solicitada com frequência. A sua intervenção deve, no entanto, centrar-se na identificação das forças familiares, levando as próprias famílias a reconhecê-las, trabalhando com vista a desenvolver e a expressar essas capacidades das famílias (Nieto, 1997 cit. in Martinez, 2003).

No entanto, salienta-se que, em alguns casos, a intervenção dos técnicos pode aumentar as dificuldades das famílias, uma vez que as vantagens previstas na intervenção não superam os inconvenientes derivados da substituição dos recursos familiares. Assim, a literatura tem apontado para inúmeras vantagens sempre que as

famílias conseguem por si próprias ativar os seus recursos e competências (Martinez, 2003).

### III – MÉTODO

#### 3.1. *Objetivo Geral e Específicos*

Esta investigação tem como objetivo principal caracterizar as forças das famílias e os processos de resiliência familiar observados no contexto das famílias multidesafiadas.

Com base no estado da arte em relação aos conceitos apresentados e ao facto da maioria dos estudos científicos apontarem para as vulnerabilidades das famílias multidesafiadas em detrimento das suas forças familiares, esta dissertação tem como objetivo geral aferir quais as forças familiares identificadas pelas famílias multidesafiadas e, simultaneamente, perceber quais as principais forças e desafios que os técnicos que as acompanham identificam nestas famílias.

A partir deste, destacam-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar qual a perceção que as famílias multidesafiadas têm acerca das suas forças familiares, nomeadamente nas dimensões de organização familiar positiva, crenças familiares positivas, gestão positiva, suporte familiar e resolução de problemas e emoções positivas;
- b) Identificar qual a perceção que os técnicos têm acerca das forças e desafios familiares das famílias multidesafiadas que acompanham;
- c) Avaliar comparativamente a perceção dos técnicos e das famílias acerca das forças familiares reconhecidas;
- d) Avaliar se as características sociodemográficas interferem na perceção das forças por parte das famílias e dos técnicos.

#### 3.2. *Amostra*

As famílias que constituem a amostra beneficiam de apoio social em uma ou mais instituições locais e enquadram-se no conjunto de famílias com necessidades específicas que justificam uma abordagem diferenciada (Melo & Alarcão, 2011).

Os dados para o estudo foram recolhidos junto de 32 adultos, pais (9,4%) e mães (90,6%), com filhos menores a cargo, residentes no município de Guimarães,

que se encontram em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, e que são, por isso, acompanhados pelos serviços de apoio familiar. Foram, também, recolhidos dados junto de dois técnicos, que acompanham estas famílias, nomeadamente, uma Psicóloga com grau académico ao nível de Licenciatura e uma Assistente Social com grau académico ao nível de Mestrado. Destaca-se, ainda, que a amostra provém de uma única instituição sinalizadora com estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que presta serviços integrados de apoio às famílias, fundamentalmente, no que concerne ao seu acompanhamento e integração social, estando, por esse motivo, vocacionada para um trabalho regular com os agregados familiares oriundos de famílias multidesafiadas.

A tabela abaixo apresenta a descrição das características sociodemográficas das famílias que constituem a amostra.

*Tabela 1: Caracterização Sociodemográfica das famílias*

			(n=32)
			n(%)
<b>Idade</b>	M	Min-Max	
	39,66	22-53	
<b>Sexo</b>	Feminino		29 (90,6%)
	Masculino		3 (9,4%)
<b>Estado Civil</b>	Solteiro		8 (25,0%)
	Casado		13 (40,6%)
	Separado		11 (34,4%)
<b>Habilitações Escolares</b>	1º Ciclo Incompleto		3 (9,4%)
	1º Ciclo		16 (50%)
	2º Ciclo		10 (31,3%)
	3º Ciclo		2 (6,3%)
	Secundário		1 (3,1%)
<b>Situação face ao Emprego</b>	Empregado		11 (34,4%)
	Desempregado		21 (65,6%)
<b>Agregado Familiar</b>	2 Pessoas		4 (12,5%)
	3 Pessoas		10 (31,3%)
	4 Pessoas		10 (31,3%)
	5 Pessoas		7 (21,9%)
	6 Pessoas		1 (3,1%)

### 3.3. Instrumentos

Neste estudo, aplicaram-se questionários de autorrelato às famílias e aos técnicos que as acompanham: (1) questionário de caracterização sociodemográfica, (2) Questionário das Forças Familiares e, (3) questionário sobre as forças e desafios das famílias. Os dois primeiros foram respondidos pelas famílias e o terceiro foi respondido pelos técnicos.

#### 3.3.1. Questionário de caracterização sociodemográfica

O questionário de caracterização sociodemográfica (Anexo 1) é constituído por questões desenvolvidas para obter informação relativamente à idade, sexo, estado civil, número de filhos, habilitações escolares, situação face ao emprego, profissão, composição do agregado familiar e relacionamento/contacto regular com a rede de suporte.

#### 3.3.2. Questionário das Forças Familiares

O Questionário das Forças Familiares (Melo & Alarcão, 2011) é um instrumento de autorrelato construído recentemente para avaliar a perceção que as famílias têm das suas forças familiares, tendo sido constituído a partir das forças e processos de resiliência familiar que têm sido identificados na literatura (ibidem). Este questionário é constituído por 29 itens que são avaliados numa escala do tipo Likert de 5 pontos e divide-se em quatro sub-escalas que avaliam: (1) a organização familiar positiva, que diz respeito à organização dos papéis familiares e uma interação familiar adequada, sendo composta por dez itens; (2) as crenças familiares positivas, relacionadas com o forte sentido de orgulho, a persistência e a capacidade de resistência às dificuldades, integrando sete itens; (3) a gestão positiva, suporte familiar e resolução de problemas, que se refere à adequada partilha de recursos, diálogo e resolução de problemas conjuntos, contemplando sete itens e; (4) as emoções positivas, no domínio da gestão das emoções e do controlo dos comportamentos, abrangendo cinco itens (Melo & Alarcão, 2009).

A cotação é obtida pela soma das pontuações dos itens. O Questionário das Forças Familiares (Anexo 2) apresentou boas propriedades psicométricas, em termos de validade e de fidelidade, que indicam ser adequada a sua utilização

(Melo, 2011). Em relação à consistência interna das escalas, apresentou valores de *alpha de cronbach* de 0.95 para a escala global. Em cada sub-escala apresentou os seguintes valores de *alpha de cronbach*: 0.90 para a sub-escala “organização Familiar Positiva”; 0.87 para a sub-escala “crenças familiares positivas”; 0.84 para a sub-escala “gestão positiva dos recursos, suporte familiar e resolução de problemas” e; 0.84 para a sub-escala “emoções positivas”, o que permite recomendar a sua utilização (Melo & Alarcão, 2011).

### 3.3.3. *Questionário sobre as forças e desafios das famílias*

O questionário com informações dos técnicos sobre as forças e desafios das famílias (Anexo 3) é constituído por duas *checklists* elaboradas para obter informações sobre as forças e desafios das famílias multidesafiadas, onde figuram tópicos como: principais forças da família (organização, comunicação, crenças/valores, rede de suporte, relações de afeto/proteção, sentimentos de pertença) e principais desafios da família (carências económicas, problemas com a habitação, perturbação nas relações, dependência de drogas/álcool, práticas educativas desajustadas, ausência de rede de apoio/suporte). Os técnicos poderiam, ainda, referir todos os tópicos que considerassem relevantes acerca das forças e desafios das famílias. Salienta-se, também, a integração de dados sociodemográficos referentes aos técnicos: profissão, habilitações literárias e tempo de serviço.

### 3.4. *Procedimentos de recolha e análise de dados*

Inicialmente elaborou-se um protocolo de cooperação com a instituição sinalizadora, solicitando-lhe a identificação de participantes para o estudo, respeitando os critérios de inclusão: pais e mães, com filhos menores a cargo, que se encontrem em situação de vulnerabilidade e/ou risco.

Após esta fase, as famílias identificadas e os técnicos que as acompanham foram convidados a responder aos questionários de autorrelato que se constituem como instrumento de recolha de dados deste estudo, no final de uma sessão de atendimento presencial. A recolha de dados efetuou-se entre os meses de maio e julho de 2015.

Cada participante preencheu o instrumento para recolha de dados, após a assinatura do consentimento informado. No momento de aplicação, procurou-se esclarecer dúvidas e prestou-se apoio no seu preenchimento, conforme solicitado pelos participantes, atendendo aos baixos níveis de literacia e às dificuldades específicas na leitura e na escrita. Posteriormente, os técnicos preencheram o questionário que a eles se destinava, sem que houvesse conhecimento mútuo. Em todo este processo foram salvaguardadas as regras de confidencialidade.

Relativamente à análise de dados esta recorreu ao software SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (versão 22 para Windows).

Depois de construído o ficheiro de dados, iniciou-se a fase de análise dos dados com recurso à estatística descritiva e à estatística inferencial. A estatística descritiva permite-nos descrever “as características básicas dos dados da amostra” (Martins, 2001, p.91). A estatística inferencial engloba todos os testes estatísticos que têm como objetivo concluir, através de probabilidades estatísticas se as associações ou diferenças presentes na amostra estudada estão presentes na população-alvo (Martins, 2001). Neste domínio de análise, foram utilizados testes de associação, com o objetivo de avaliar a relação entre duas ou mais variáveis e testes de diferenças, com o objetivo de explorar diferenças entre grupos independentes.

Atendendo a que as variáveis analisadas, apesar de serem escalares não cumprem os pressupostos de normalidade da distribuição da variável intervalar e homogeneidade das variâncias, recorreremos a testes não paramétricos (Martins, 2001).

## IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta secção serão apresentados os principais resultados obtidos no presente estudo e realizada uma discussão sobre os mesmos, tendo por base os objetivos específicos do estudo e a revisão da literatura efetuada.

### 4.1. Perceção das famílias multidesafiadas acerca das suas forças familiares

No sentido de avaliar a perceção das famílias acerca das suas forças familiares foi realizada a análise estatística descritiva para o total da amostra (N=32), apresentando-se as médias de cada uma das dimensões do Questionário das Forças Familiares. Assim, é possível concluir que os resultados indicam níveis médios elevados em todas as dimensões, tal como se observa a tabela 2.

*Tabela 2: Análise descritiva do Questionário das Forças Familiares*

<b>Dimensões</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
Organização Familiar Positiva	3,46	1,02	1,00	4,90
Crenças Familiares Positivas	3,73	1,11	1,14	5,00
Gestão Positiva dos Recursos, suporte familiar e resolução dos problemas	3,74	0,85	2,14	5,00
Emoções Positivas	3,59	1,09	1,20	5,00

Os resultados obtidos quanto à perceção das forças familiares por parte das famílias, registam valores médios positivos nas várias dimensões. Estes valores são muito relevantes, tendo em conta que estamos perante famílias multidesafiadas, associadas pela literatura a situações de risco e de vulnerabilidade (Masten, 2001).

Contrariamente aos resultados obtidos neste estudo, que evidenciam uma auto-perceção positiva das famílias, existem inúmeras referências na literatura sobre a auto-perceção negativa das famílias multidesafiadas, salientando as suas dificuldades em identificar as forças familiares e em percecionarem-se como resilientes (Masten, 2014).

Tendo em conta os resultados deste estudo, podemos afirmar que as famílias multidesafiadas são capazes de identificar forças familiares em vários domínios do seu funcionamento, o que poderá revelar um reconhecimento da sua funcionalidade e adaptação positiva, apesar das várias evidências referidas na literatura de que os

stresses que frequentemente ocorrem nos pontos de transição do ciclo de vida destas famílias, provocam situações conturbadas neste ciclo e refletem sintomas de disfunção (Carter & McGoldrick, 2001). Por outro lado, estes resultados poderão indicar que as respostas das famílias foram respostas condicionadas, pelo facto de sentirem a necessidade de afirmar as suas forças familiares, não havendo correspondência entre estes resultados e a realidade das famílias.

De acordo com a tabela 3, verifica-se uma correlação positiva significativa entre as quatro sub-escalas do Questionário das Forças Familiares, o que revela que as forças familiares identificadas pelas famílias estão associadas entre si, tal como indica a literatura quando refere que têm sido identificados, em diferentes domínios, processos familiares associados a um desenvolvimento positivo e a resultados resilientes nas famílias (Melo, 2011).

*Tabela 3: Correlação entre as sub-escalas do Questionário das Forças Familiares*

	1	2	3	4
1. Organização Familiar Positiva	1.00	.80*	.74*	.68*
2. Crenças Familiares Positivas		1.00	.71*	.71*
3. Gestão Positiva dos recursos, suporte familiar e resolução dos problemas			1.00	.69*
4. Emoções Positivas				1.00

\* $p < 0,01$

#### *4.2. Perceção dos técnicos acerca das forças e desafios familiares das famílias multidesafiadas*

Em relação à perceção dos técnicos sobre as famílias multidesafiadas, a literatura salienta que o trabalho dos técnicos com estas famílias, acarreta um quadro emocional muito complexo e exigente, com sentimentos de angústia, ansiedade e frustração frequentes (Martinez, 2003). Assim, pode explicar-se o elevado número de fatores de desafio por eles apontados no decorrer deste estudo, tal como indica a tabela 4. No entanto, na mesma tabela verifica-se, que os técnicos reconhecem um elevado número de forças a estas famílias, contrariamente ao que a literatura refere quando salienta que os profissionais se centram apenas nos seus défices (Melo, 2011).

*Tabela 4: Análise descritiva dos fatores de força e de desafio identificados pelo técnico*

<b>Dimensões</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
Nº de Fatores de Força	3,84	1,92	2,00	9,00
Nº de Fatores de Desafio	3,09	1,30	2,00	6,00

Ainda na perspectiva dos técnicos, na tabela 5, estão elencados os principais fatores de força e de desafio que identificam nas famílias que acompanham.

Relativamente aos fatores de força, os técnicos destacam nestas famílias a rede de suporte (78,13%), as relações de afeto/proteção (81,25%) e os sentimentos de pertença (71,88%). A literatura refere, a este propósito, que a rede de apoio e as relações de afeto contribuem para resultados positivos na adaptação das famílias, sendo reconhecidas, pelos profissionais, como forças familiares importantes (Schneider, 2011). Os sentimentos de pertença têm sido apontados pela literatura como fatores protetores que contribuem para a resiliência familiar (Benzies & Mychasiuk, 2008).

No que concerne aos fatores de desafio, os técnicos evidenciam nestas famílias as carências económicas (87,50%), o desemprego/precaridade (53,13%) e os problemas de saúde (40,63%). Neste domínio, a literatura faz inúmeras referências à pobreza e ao baixo estatuto económico destas famílias, apontando as carências económicas e a precaridade laboral como fatores de desafio difíceis de contornar neste contexto de desfavorecimento (Benzies & Mychasiuk, 2008). Em relação à forte incidência de problemas de saúde nas famílias desfavorecidas, os estudos mais recentes (e.g. Cardoso, 2012) revelam elevados problemas de saúde física e mental que atingem vários membros destas famílias, nomeadamente as crianças, com um forte impacto no contexto social e escolar.

*Tabela 5: Principais fatores de força e de desafio identificados pelo técnico*

		(n=32)
		n(%)
<b>Fatores de Força</b>		
	Organização	9 (28,13%)
	Comunicação	9 (28,13%)
	Crenças/Valores	11 (34,38%)
	Rede de Suporte	25 (78,13%)

Relações de Afeto/Proteção	26 (81,25%)
Sentimentos de Pertença	23 (71,88%)
Hábitos de Trabalho	7 (21,88%)
Gestão dos Recursos	6 (18,75%)
<b>Fatores de Desafio</b>	
Carências Económicas	28 (87,50%)
Problemas com a Habitação	4 (12,50%)
Perturbação nas Relações	4 (12,50%)
Dependência de Drogas/Álcool	6 (18,75%)
Práticas Educativas Desajustadas	6 (18,75%)
Ausência de Rede de Apoio/Suporte	1 (3,13%)
Desemprego/Precriidade	17 (53,13%)
Problemas de Saúde	13 (40,63%)
Monoparentalidade	4 (12,50%)

Ainda na perceção dos técnicos, a tabela 6, evidencia uma correlação positiva significativa entre o número de fatores de força e o número de fatores de desafio identificados pelo técnico nas famílias. O número de fatores de força está associado positivamente ao número de fatores de desafio, demonstrando que os técnicos reconhecem simultaneamente forças e desafios nas famílias, o que contraria a literatura quando refere a excessiva ênfase nas vulnerabilidades (Masten, 2001).

*Tabela 6: Correlação entre os fatores de força e de desafio identificados pelo técnico*

<b>Fatores de desafio identificados pelo técnico</b>	
Fatores de força identificados pelo Técnico	$r = .25$ $p = .05$

#### *4.3. Comparação entre a perceção dos técnicos e das famílias acerca das forças familiares reconhecidas*

Relativamente às forças familiares, na tabela 7, não se verificam correlações significativas entre as forças familiares identificadas pelas famílias e os fatores de força identificados pelo técnico.

Na intervenção com famílias multidesafiadas, a literatura chama a atenção para a intervenção de diversos profissionais com a mesma família, o que cria um efeito de múltiplas intervenções de curta duração (Martinez, 2003), que podem condicionar os

técnicos no conhecimento efetivo das famílias. Este facto poderá explicar a incongruência entre os técnicos e as famílias, ao identificarem as forças familiares. Neste sentido, salienta-se também que, esta falta de congruência tem sido apontada pela literatura como um fator determinante no insucesso de algumas intervenções com estas famílias (Melo, 2011).

*Tabela 7: Correlação entre os fatores de força identificados pelo técnico e as forças familiares identificadas pelas famílias*

<b>Forças Familiares identificadas pelas famílias</b>	<b>Fatores de Força identificados pelo técnico</b>
Organização Familiar Positiva	r = -.03 p = .88
Crenças Familiares Positivas	r = .07 p = .72
Gestão Positiva dos Recursos, suporte familiar e resolução dos problemas	r = -.17 p = .34
Emoções Positivas	r = -.16 p = .39

Com base na tabela 8, ao comparar as forças familiares identificadas pelas famílias e os fatores de desafio identificados pelo técnico, não se verificam correlações significativas entre as forças familiares identificadas pelas famílias nas sub-escalas “organização familiar positiva”, “crenças familiares positivas” e “Emoções Positivas” e os fatores de desafio identificados pelo técnico.

No entanto, na mesma tabela, observa-se uma correlação negativa, marginalmente significativa, entre o número de fatores de desafio identificados pelo técnico e as forças familiares identificadas pelas famílias na dimensão “gestão positiva dos recursos, suporte familiar e resolução de problemas”. Os fatores de desafio identificados pelo técnico estão associados negativamente à gestão positiva dos recursos, suporte familiar e resolução de problemas, o que corrobora a ideia referida pela literatura de que os desafios destas famílias se associam a défices de competências (Alarcão & Gaspar, 2007). Assim, estes fatores de desafio poderão ofuscar o reconhecimento dos técnicos relativamente às forças familiares, em determinadas dimensões do seu funcionamento.

*Tabela 8: Correlação entre os fatores de desafio identificados pelo técnico e as forças familiares identificadas pelas famílias*

<b>Forças Familiares identificadas pelas famílias</b>	<b>Fatores de Desafio identificados pelo técnico</b>
Organização Familiar Positiva	r = -.28 p = .12
Crenças Familiares Positivas	r = -.15 p = .41
Gestão Positiva dos Recursos, suporte familiar e resolução dos problemas	r = -.32 p = .07
Emoções Positivas	r = -.10 p = .57

#### *4.4. Avaliação entre as características sociodemográficas e a percepção das forças por parte das famílias e dos técnicos*

Na perspetiva das famílias, observa-se na tabela 9 que, relativamente à maioria das variáveis sociodemográficas, os resultados indicam que não há diferenças significativas entre essas variáveis e as forças familiares identificadas pelas famílias.

No entanto, a mesma tabela revela diferenças, marginalmente significativas, entre os grupos de empregados e desempregados e as forças familiares identificadas pelas famílias na dimensão “crenças familiares positivas”. Os empregados relatam mais forças familiares nesta dimensão do que os desempregados.

No mesmo sentido, esta tabela, indica que há diferenças, marginalmente significativas, entre os grupos de empregados e desempregados e as forças familiares identificadas pelas famílias na dimensão “gestão positiva dos recursos, suporte familiar e resolução de problemas”. Os empregados relatam mais forças familiares nesta dimensão do que os desempregados.

Estes resultados vão ao encontro daquilo que a literatura refere quando enuncia os fatores protetores das famílias como caminhos adaptativos de resiliência familiar. Alguns fatores (e.g. o emprego, associado à rede de suporte) parecem contribuir para o fortalecimento das forças familiares (DeHaan, Hawley & Deal, 2002). Por outro lado, estes resultados poderão, também, ser explicados pelo facto dos

empregados apresentarem uma maior capacidade para reconhecer as suas forças familiares, devido à situação de empoderamento e aos sentimentos de poder e de controlo que têm sobre as suas vidas.

*Tabela 9: Diferenças entre as características sociodemográficas e as variáveis do estudo, na perspetiva das famílias*

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Habilitações Escolares</b>	<b>Situação face ao Emprego</b>
Organização Familiar Positiva	U = 124.00 p = .88	X <sup>2</sup> =.40 p = .82	U = 112.50 p = .67	U = 79.00 p = .15
Crenças Familiares Positivas	U = 122.00 p = .82	X <sup>2</sup> = 1.40 p = .50	U= 122.50 p = .97	U = 67.00 p = .05
Gestão Positiva dos Recursos, suporte familiar e resolução dos problemas	U = 118.00 p = .71	X <sup>2</sup> =.47 p = .79	U = 118.00 p = .83	U = 68.00 p = .06
Emoções Positivas	U = 125.50 p = .91	X <sup>2</sup> =.51 p =.78	U = 106.00 p = .50	U = 105.00 p = .68

Na perspetiva dos técnicos, a tabela 10 indica que, relativamente à maioria das variáveis sociodemográficas, os resultados não revelam diferenças significativas entre essas variáveis e os fatores de força e desafio identificados pelo técnico.

*Tabela 10: Diferenças entre as características sociodemográficas e as variáveis do estudo, na perspetiva dos técnicos*

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Habilitações Escolares</b>	<b>Situação face ao Emprego</b>
Nº de fatores de força identificados pelo técnico	U = 128.00 p = 1.00	X <sup>2</sup> = 1.18 p = .56	U = 113.00 p = .68	U = 70.50 p = .07
Nº de Fatores de desafio identificados pelo técnico	U = 115.50 p = .62	X <sup>2</sup> = 1.61 p = .45	U = 97.00 p = .28	U = 80.50 p = .14

Porém, a mesma tabela revela diferenças, marginalmente significativas, entre os grupos de empregados e desempregados e os fatores de força identificados pelo técnico. Os técnicos relatam mais forças familiares nos desempregados do que nos empregados, o que contraria aquilo que a literatura refere sobre os fatores de risco

(e.g. desemprego) associados à ausência de competências nas famílias (Blair, 2003). Uma outra explicação para estes resultados poderá ser o facto de que, um maior número de desafios enfrentados pelas famílias, impõem a estes agregados familiares a necessidade de encontrar recursos para os ultrapassar, evidenciando, por isso, um maior número de forças familiares (Melo, 2011).

Num outro sentido, estes resultados, poderão ter por base uma maior proximidade dos técnicos em relação aos desempregados, conhecendo melhor as suas forças familiares, uma vez que são frequentadores mais assíduos dos serviços de apoio e recorrem aos profissionais com mais frequência, para obter apoios e meios de subsistência.

## V – CONCLUSÕES

### 6.1. Síntese das Principais Conclusões do Estudo

As principais conclusões deste estudo são: (1) as famílias multidesafiadas conseguem identificar um elevado número de forças familiares; (2) as forças familiares que as famílias percebem parecem estar relacionadas entre si; (3) não parece haver relação entre as forças familiares identificadas pelas famílias e os fatores de força identificados pelo técnico; (4) não parece haver relação entre as forças familiares identificadas pelas famílias e os fatores de desafio identificados pelo técnico, à exceção da dimensão “gestão positiva dos recursos, suporte familiar e resolução de problemas”; (5) o número de fatores de força e o número de fatores de desafio identificados pelo técnico nas famílias parecem estar associados entre si; (6) na perspectiva das famílias, parecem não existir diferenças entre as características sociodemográficas e a percepção das forças familiares, à exceção da variável “situação face ao emprego” e; (7) na perspectiva dos técnicos, parecem não existir diferenças entre as características sociodemográficas e a percepção das forças e desafios familiares, à exceção da variável “situação face ao emprego”.

### 6.2. Forças e Limitações do Estudo

Como força deste estudo, destaca-se a seleção de uma amostra de risco, que caracteriza eficazmente as famílias multidesafiadas, uma vez que se recorreu a alguns dados sociodemográficos, tais como, proeminência de mulheres, como figuras centrais na parentalidade, baixos níveis de escolaridade e elevadas taxas de desemprego, características destas famílias, de modo a obter uma amostra representativa desta população (Melo, 2011). Estas amostras de risco têm sido sub-representadas pela literatura, existindo ainda poucos estudos que as englobam, sendo por isso uma mais-valia para este estudo.

No entanto, releva-se o fato da amostra ser reduzida, o que não permite generalizar os resultados e de ser circunscrita a uma área geográfica (concelho de Guimarães), quer ao nível das famílias, quer ao nível dos técnicos, podendo, assim, considerar-se que estamos perante um estudo de caso.

Por outro lado, na análise dos resultados deste estudo é importante ter em consideração que em inferência estatística nunca estaremos a trabalhar com

certezas absolutas, ou seja, não existe uma garantia de que os resultados obtidos na amostra refletem os resultados que obteríamos se tivéssemos tido acesso aos dados de toda a população (Martins, 2011). Assim, trabalhamos com a probabilidade dos resultados obtidos na amostra se deverem ao acaso (e.g. o facto da amostra ter determinadas particularidades que não estão presentes na população-alvo, nomeadamente, ser oriunda de um contexto rural e com redes de suporte alargadas).

Uma outra limitação deste estudo prende-se com o instrumento para recolha de dados. Em relação às famílias, utilizou-se um instrumento de recolha de dados cientificamente validado, mas por outro lado, tal não aconteceu relativamente ao instrumento utilizado com os técnicos, tratando-se de um questionário descritivo das forças e desafios familiares, que não está validado cientificamente.

Por fim, salienta-se como limitação deste estudo, o facto da recolha de dados se reportar a um único momento, por se tratar de um estudo transversal, não permitindo avaliar a consistência dos resultados a longo prazo.

### *6.3. Sugestões para Investigação Futura*

Futuramente recomenda-se a utilização de metodologia qualitativa como complemento, permitindo o aprofundamento dos resultados e, ainda, a verificação da existência ou não de outras forças familiares que as famílias e os técnicos não identificam inicialmente. Seria, também, adequada a realização de um estudo longitudinal para observar se os resultados obtidos se mantêm constantes ou se apresentam variações ao longo do tempo, uma vez que tem sido amplamente referida pela literatura, uma grande oscilação (associada ao risco familiar), na vida destas famílias.

Para investigações futuras sugere-se o alargamento do tamanho da amostra e a área geográfica onde se efetua a recolha de dados e, concomitantemente, o aprofundamento da relação entre as forças familiares identificadas pelas famílias e os fatores de força e de desafio identificados pelos técnicos.

### *6.4. Implicações para a Prática*

Em intervenções futuras com famílias multidesafiadas, sugere-se a identificação conjunta, pelas famílias e pelos técnicos, das forças familiares e dos processos de resiliência familiar, potenciando essas competências das famílias. A intervenção deve, por isso, centrar-se nas forças familiares em detrimento das suas vulnerabilidades.

Além disso, recomenda-se o envolvimento, em simultâneo, de famílias e de técnicos no desenho de programas de intervenção familiar, com enfoque numa abordagem familiar positiva, atribuindo um igual protagonismo às famílias e aos técnicos que as acompanham. Este poderá constituir-se como um elemento diferenciador, fundamental no sucesso da intervenção, uma vez que todos os intervenientes participam ativamente no processo.

## VI – REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade Familiar e suas Implicações no Desenvolvimento Individual e Familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102.
- Almeida, A., Abreu-Lima, I., Cruz, O., Gaspar, M. F., Brandão, T., Alarcão, M., Santos, M. R. & Machado, J. C. (2012). Parent education interventions: Results from a national study in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(1), 135-149. doi: 10.1080/17405629.2011.647865
- Antoniazzi, A. S.; Dell'Aglio, D. & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy Mechanism in Human Agency. *American Psychologist*, 37(2), 122-147.
- Bandura, A. (1989). Regulation of Cognitive Processes Through Perceived Self-Efficacy. *Developmental Psychology*, 25(5), 729-735.
- Belsky, J. (1980). Child Maltreatment: an ecological integration. *American Psychologist*, 35(4), 320-335.
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Becvar, D. S. (2013). *Handbook of family resilience*. St. Louis, MO, USA: Springer. doi: 10.1007/978-1-4614-3917-2.
- Benzies, K. & Mychasiuk, R. (2008). Fostering family resiliency: a review of the key protective factors. *Child and Family Social Work*, 14, 103-114. doi:10.1111/j.1365-2206.2008.00586.x
- Blair, R. G. (2003). Understanding and Fostering Family Resilience. *Journal of Family Strengths*, 7, 43-56.

- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the Family as a Context for Human Development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental Ecology Through Space and Time: a future perspective. In P. Moen, G. H. Elder, Jr., & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: perspectives on the ecology of Human Development* (pp. 619-647). Washington DC: American Psychological Association.
- Cardoso, J. R. (2012). *O método para ser bom aluno: bora lá?*. Lisboa: Guerra & Paz, Editores S. A.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. *Artmed*, 2ª Edição, 11-27.
- Cicchetti, D. & Rogosh, F. (2001). The impact of child maltreatment and psychopathology on neuroendocrine functioning. *Development and Psychopathology*, 13, 783-804.
- Clínica Universitária de Psicologia. (2014). *Contributos para a prática psicológica*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Conger, R. D. & Donnellan, M. B. (2007). An Interactionist Perspective on the Socioeconomic Context of Human Development, *Annual Review of Psychology*, 58, 175-199.
- Cruz, O. & Ducharne, M. A. (2006). Intervenção na parentalidade – O caso específico da formação de pais. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 13, 295-309.
- DeHaan, L. G., Hawley, D. R., & Deal J. E. (2002). Operationalizing family resilience: A methodological strategy. In D.S. Becvar (Ed.), *Handbook of Family Resilience* (pp. 17-29). Grand Rapids, MI ,USA: Springer. doi: 10.1007/978-1-4614-3917-2\_2

- Fernandes, A. S. (2010). *Encontra o teu eu*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Figueiredo, B. & Lamela, D. (2014). Parentalidade e Coparentalidade: conceitos básicos e programas de intervenção. In Clínica Universitária de Psicologia (Ed.), *Contributo para a prática psicológica*, 151-172. Porto: Universidade Católica Editora.
- Gomes, M. P. (2005). *Percursos de vida dos Jovens após a Saída dos Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais do ISCTE.
- Lopes, M. S.; Catarino, H. & Dixe, M. A. (2010). Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os fatores sociodemográficos. Manuscrito não publicado, Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria, Leiria.
- Lucas, C. S. (2012). *Resiliência Familiar em Contexto de Pobreza Urbana: a Percepção das Famílias sobre Forças Familiares, Resiliência Individual e Stress Percebido*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Martinez, M. R. (2003). La Familia Multi-Problemática e el Modelo Sistémico. *Portularia*, 3, 89-115.
- Masten, A. (2001). Ordinary Magic: Resilience Processes in Development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238. doi: 10.1037//0003-066x.56.3.227.
- Masten, A. S. (2014). *Ordinary Magic: Resilience in Development*. New York: The Guilford Press.
- Melo, A. T. (2011). *As forças dos profissionais e da família multidesafiada na proteção da criança*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

- Melo, A. T. (2014). *Viagens por Terras da(s) Parentalidade(s): Guia para uma Parentalidade Preferida*. Vila Nova de Gaia: Edição de Autor.
- Melo, A. T. & Alarcão, M. (2009). Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental: proposta de um modelo global de organização. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 55-64.
- Melo, A. T. & Alarcão, M. (2011). Avaliação de processos de resiliência familiar: Validade e fidelidade do Questionário de Forças Familiares. *Mosaico*, 48, 34-41.
- Melo, A. & Alarcão, M. (2011). O Modelo de Avaliação e de Intervenção Familiar Integrada: Manual de Apresentação. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nichols, W. C. (2002). Roads to Understanding Family Resilience: 1920s to the Twenty-First Century. In D.S. Becvar (Ed.), *Handbook of Family Resilience* (pp. 3-16). Athens, GA, USA: Springer. doi: 10.1007/978-1-4614-3917-2\_1
- Portugal, A. & Alberto, I. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: desafios e especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400.
- Ribeiro, M. F. & Shelton, K. (2012). Marital Satisfaction and Partners' Parenting Practices: The Mediating Role of Coparenting Behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509-522. doi: 10.1037/a0029121
- Schneider, A. (2011). *Resiliência*. Porto Alegre: Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância.
- Schofield, T. J., Conger, R. D. & Neppl, T. K. (2014). Positive Parenting, Beliefs about Parental Efficacy, and Active Coping: Three Sources of Intergenerational Resilience. *Journal of Family Psychology*, 1, 1-6. doi: 10.1037/fam0000024
- Serapioni, M. (2000). Métodos Qualitativos e Quantitativos na Pesquisa Social em Saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192.

- Silva, J. H. (2013). *Famílias Multidesafiadas em Contextos de Pobreza: Vulnerabilidades e Forças Familiares – reflectindo acerca da intervenção*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1-18.
- Walsh, F. (2012). Family Resilience Strengths Forged through Adversity. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (pp. 399-427). New York: Guilford Press.
- Wright, M. O.; Masten, A. S. & Narayan, A. J. (2013). Resilience Processes in Development: Four Waves of Research on positive Adaptation in the Context of Adversity. In. S. Goldstein and R.B. Brooks (Eds.), *Handbook of Resilience in Children* (pp. 15-37). Oxford, OH, USA: Springer. doi: 10.1007/978-1-4614-3661-4\_2

## **VII – ANEXOS**

Anexo 1: Questionário de caracterização sociodemográfica

Anexo 2: Questionário das Forças Familiares

Anexo 3: Questionário sobre as forças e desafios das famílias